

"É os guri na CB de novo": práticas e sociabilidades entre jovens em um bairro boêmio de Porto Alegre/RS¹

Joanna Munhoz Sevaio
UFRGS/Brasil

Palavras-chave: Jovens; Sociabilidade; Rua

Entre os oitenta e um bairros da cidade de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, a Cidade Baixa destaca-se como aquele em que no cotidiano acontece uma intensa vida noturna, o que acaba interferindo na rotina de quem mora lá. A localização da CB² é estratégica: está nas adjacências do Centro Histórico e faz parte do trajeto de diversas linhas de ônibus, além de estar nas proximidades dos campi centrais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e do Parque Farroupilha - ou Redenção - um importante ponto da cidade. Além disso, a Cidade Baixa está abastecida por uma ampla rede de serviços e de infraestrutura urbana, desde supermercados até escolas públicas, restaurantes e farmácias. Tais características configuram o bairro como lugar atrativo para moradia, sobretudo para as camadas médias: conforme os dados do último censo, o rendimento médio dos responsáveis por domicílio é de 5,92 salários mínimos (IBGE, 2010). Uma rápida caminhada pelo bairro deixa evidente suas singularidades: casas que datam das primeiras décadas do século XX alternam-se com bares, restaurantes, casas noturnas e condomínios recentes. Dia e noite, morar e frequentar convivem por meio de arranjos que nem sempre são harmoniosos. Minha pesquisa de mestrado - ainda em desenvolvimento - é uma etnografia que trata das controvérsias que resultam das diferentes *identidades barriales* (GRAVANO, 2003) mobilizadas por quem frequenta e por quem mora na CB. No mapa que segue, é possível observar o bairro em relação ao seu entorno:

¹ Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020.

² Acrônimo de Cidade Baixa.

Figura 1 - Mapa da Cidade Baixa e arredores



Fonte: Google Earth (2020)

O perfil socioeconômico da população do bairro em tela já foi diferente do que é hoje. Considerando os processos históricos de formação do núcleo urbano de Porto Alegre, no século XIX e nas primeiras décadas do século XX a região era habitada sobretudo por gente pobre e “desclassificada” - trabalhadores que eram em sua maioria descendente de pessoas escravizadas ou imigrantes alemães e italianos. À vista disso, a gênese do nome Cidade Baixa pode ser entendida tanto do ponto de vista geográfico - uma vez que se trata de uma zona menos íngreme em relação ao Centro – quanto de uma divisão elitista e classista do espaço urbano, em que a parte alta era lugar dos bem nascidos (ROSA, 2014). A formação da boemia porto-alegrense remonta às sociabilidades encontradas nessa zona baixa da cidade: casas de meretrício e tabernas eram estabelecimentos comuns e era alto o consumo de bebidas alcoólicas, sobretudo entre os homens. Ademais, o samba e o carnaval de rua são elementos fundamentais na constituição da Cidade Baixa nos moldes como o bairro é hoje experienciado (FRANCO, 2006), ainda que sejam diferentes as sociabilidades noturnas hoje encontradas por lá. Ao mobilizar a perspectiva de Michel de Certeau (2012) sobre o cotidiano na e da cidade,

assinalo a importância da observação das práticas ordinárias dos sujeitos que usam os lugares da CB.

Lupicínio Rodrigues nasceu na região na época conhecida por Ilhota, que era uma verdadeira “ilha dentro da cidade” resultante de reformas que canalizaram os arroios que banhavam a Cidade Baixa (VIEIRA, 2017; FRANCO, 2006). O maior expoente do samba em terras gaúchas consagrou seu lugar de nascimento em canções que marcaram época (FRYDBERG, 2007). Diferente do que diz a letra “Ilhota, minha favela moderna/ Onde a vida na taberna/ É das melhores que há/ Ilhota, arrabalde de enchentes/ E que nem assim a gente/ Pensa em se mudar de lá”, os moradores da região foram expulsos de lá de forma arbitrária e do ponto de vista legal a Ilhota deixou de existir na década de 70. Sob o pretexto da recuperação de áreas degradadas e visando a modernização de Porto Alegre, a Cidade Baixa paulatinamente foi se aproximando de suas características atuais e a Ilhota foi tirada dos mapas, desse modo impondo um modelo excludente de cidade (VIEIRA, 2017).

Desde o nascimento de Lupi até cá, tanto o desenho urbano de Porto Alegre quanto as formas de sociabilidade boêmia transformaram-se radicalmente. Entre as décadas de 1960 e 1980, o bairro Bom Fim – vizinho à CB conforme o mapa acima - foi o epicentro da vida noturna, sendo palco da transgressão política e cultural durante a ditadura civil-militar. Contudo, em decorrência de ofensivas policiais e da atuação política institucional por parte de moradores a concentração de bares aos poucos desmantelou-se e a boemia porto-alegrense foi fluindo para outras regiões (REIS, 2013; PEDROSO, 2009). A partir de meados da década de 1990, houve um processo de centralização de uma ampla variedade de estabelecimentos noturnos na Cidade Baixa. Hoje, em poucas quadras de distância encontramos bares que comercializam cerveja artesanal produzida localmente ou bares cujo atrativo é a venda de cerveja barata. Bares voltados ao público LGBTQI+ dividem a mesma rua com um bar que historicamente é frequentado por público mais conservador. Charles Bukowski, Quentin Tarantino, RuPaul e Harry Potter estão entre as figuras ilustres que são homenageadas por bares temáticos localizados na Cidade Baixa. Cafés, livrarias, pastelarias e casas de shows também fazem parte do cenário do bairro, além de casas noturnas que variam seus estilos musicais e ocasionam filas todos os finais de semana para a entrada nas festas. Dificilmente algum nicho de entretenimento noturno não pode ser encontrado na CB. O samba de Lupicínio Rodrigues ainda está lá, assim como há lugares dedicados ao rock ou à mpb.

Conforme o previsto pelo Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano Ambiental (PPDUA, 2010), parte das principais vias da Cidade Baixa – Rua João Alfredo, Rua General Lima e Silva, Rua da República e Avenida Venâncio Aires – são reconhecidas como área de animação. Contrariando a lógica da legislação que regula o uso espaço urbano, nos últimos anos uma série de decretos tem restringido os horários de funcionamento dos estabelecimentos voltados à vida noturna. Antes da pandemia de COVID-19, que alternou drasticamente as dinâmicas do bairro, estava em vigor o Decreto nº 19.962 de 3 de abril de 2018, sancionado pelo prefeito Nelson Marchezan Jr., que estabelece especificamente o horário de funcionamento das atividades de bares, restaurantes, lancherias, lojas de bebidas, cafés e vendedores na. Tais estabelecimentos têm permissão de funcionar até às 2h da manhã do dia seguinte nas sextas-feiras, sábados e vésperas de feriados e até à 1h do dia seguinte de domingo a quinta-feira, com tolerância de 30 minutos. Além disso, conforme o artigo 8º: “Fica proibida a utilização ou funcionamento de qualquer instrumento ou equipamento, em via pública, que produza, reproduza ou amplifique o som, no período das 22:00h (vinte e duas horas) às 7:00h (sete horas) do dia seguinte, que caracterize distúrbio sonoro” (PORTO ALEGRE 2018).

As sucessivas políticas de restrição ao funcionamento dos estabelecimentos, aliadas ao alto custo para consumir bebidas alcoólicas e para entrar na maioria das fizeram com que as ruas e calçadas da CB tenham ganhado destaque como lugar de permanência e de aglomeração. Se em contextos anteriores as ruas cumpriam primordialmente a função de passagem de um estabelecimento a outro, no período em que desenvolvi o trabalho de campo de minha pesquisa multidões tomavam as ruas como lugar de encontro, muitas das vezes compartilhando bebidas alcoólicas compradas em supermercados e escutando música em caixas de som levadas de casa. Para parte de meus interlocutores, moradores incomodados com a situação, a grande concentração de pessoas nas ruas não passa de *baderna* e nada tem a ver com a boemia que caracteriza o bairro. Neste texto, no entanto, meu foco são as práticas e sociabilidades noturnas tal como quem fica nas ruas as simbolizam. A noção de *identidad barrial* proposta pelo antropólogo argentino Ariel Gravano (2003) permite analisar como a produção simbólica do que se entende por bairro condensa determinados significados, valores, crenças e identificações de acordo com a experiência nos lugares. Nesse caso, é interessante o esforço de identificação dos elementos mobilizados para a constituição da *identidad barrial* da CB por parte daquelas que frequentam suas ruas.

No campo da antropologia urbana brasileira, a rua como lócus de pesquisa não é novidade. Seguindo o proposto por Magnani (1993), a “rua que interessa” é a que dá suporte a diferentes sociabilidades. A obra do autor é também essencial no que tange aos estudos etnográficos sobre sociabilidades e lazer na cidade, em que a ideia de *circuito* permite explorar a inserção dos sujeitos nos espaços urbanos através de um olhar atento aos encontros, às trocas, às relações de permanência. Nessa mesma linha de raciocínio, entendo junto com Jacobs (2000) que as calçadas e as ruas são os órgãos vitais do urbano, onde o concreto da pavimentação coexiste com as pessoas e suas práticas, assim conferindo aos dramas da vida citadina ritmos que são característicos.

As possíveis aproximações com a antropologia que trata das juventudes surgiram em decorrência do trabalho de campo desenvolvido durante o ano de 2019 e os três primeiros meses do presente ano. Um momento notável da inflexão para este caminho analítico aconteceu durante a observação em um bar, quando fui chamada de “tia”, apesar de ter somente 25 anos na época. Através de sucessivas observações fui percebendo que a faixa etária de quem prefere ficar nas ruas em detrimento dos estabelecimentos é frequentemente menor do que a de quem costuma sentar em bares, seja de qual tipo eles forem. Tendo em vista o que propõe Magnani:

Os circuitos de jovens vistos a partir das corporalidades permitem que observemos a sociabilidade em ato nos domínios espaciais da metrópole, sendo a espacialidade do próprio corpo o lugar por excelência da construção desses estilos juvenis e de percepção imediata e inteligível entre sujeito e objeto. (MAGNANI, 2007. p. 262)

Na próxima seção, apresento dados etnográficos que tratam das singularidades dessas sociabilidades noturnas juvenis. Antes, no entanto, faz-se necessário pontuar detalhes metodológicos que definem minha pesquisa como uma etnografia de rua (ECKERT; ROCHA, 2013). Através de caminhadas em determinado universo de pesquisa, inspiradas no *flanêur* que Benjamin toma de empréstimo de Baudelaire, o antropólogo deixa-se levar pelos ritmos cotidianos da vida na cidade, assim constituindo uma postura investigativa movida por andanças, observações, fotografias, conversas, descrições de estilos de vida e dos *habitués* dos lugares.

Assim é que uma etnografia de rua percorre o sensível, se perguntando sobre os gostos paixões, os dramas que impregnam a vida das ruas e configuram a cidade, evocando as imagens que permitem descrever e interpretar este universo: gestos, posturas, conversas, encontros, ruídos, e tudo que configura a vida cotidiana se apresenta plena de sentidos. As formas da vida social configuradas na

objetivação do espírito carregam consigo a força dos simbolismos que as originam, das emoções que lhe são atribuídas na medida em que são vividas, elaboradas e reelaboradas. A poética da rua, portanto, refere-se aos sentidos e simbolismos que orientam as ações dos sujeitos e suas formas de adesão à rua, como espaço de sociabilidade, de trabalho, etc. (Ibid. p. 15)

Instigada pela imersão no cotidiano da Cidade Baixa, nos seus fluxos, convergências de sentidos e sociabilidades tenho conseguido perceber seus ritmos de ocupação. Escutar o bairro faz também parte desse desvelar das potências do agir urbano e das estéticas do vivido que se conformam nas suas ruas. No decorrer do trabalho de campo realizado, as sonoridades da Cidade Baixa – carros, motos, caixas de som, gritos e garrafas - se intercalam com conversas eventualmente mantidas com seus *habitués*/frequentadores. Etnografar a rua impõe um mergulho em suas dinâmicas: é preciso um olhar pormenorizado, atento e sensível, tarefa para qual ter uma câmera fotográfica em mãos é essencial. A noção de que “(...) o pesquisador precisa aprender a pertencer a este território como se ele fosse sua morada, lugar de intimidade e acomodação afetiva” (Ibid., p. 23) deu as diretrizes da pesquisa cujos resultados parciais serão explorados a seguir.

Resenhas, corpos, copos e kits

O termo resenha é amplamente difundido no ambiente acadêmico, de maneira que entre os pares cientistas suas características enquanto texto são praticamente autoexplicativas. Quando comecei minha etnografia na e da Cidade Baixa, me deparei com outro tipo de resenha. “É só reunir um monte de pessoa e beber” foi a definição, nova para mim, que me deu uma frequentadora da CB com quem falei rapidamente em uma noite, quando estava caminhando e ela perguntou se eu tinha um isqueiro para emprestar. Não emprestei o isqueiro, mas aproveitei a oportunidade para questionar sobre o significado do termo que ouvi de relance algumas vezes. A categoria êmica ajuda a compreender o tipo de sociabilidade encontrada nas ruas do bairro durante o final de semana: não é algo submetido a um modelo rígido de comportamento, tal como a proposta de determinada festa ou bar, mas sim que responde de maneira flexível às dinâmicas próprias de cada ocasião. Se, por exemplo, uma esquina específica está mais movimentada em uma noite, é usual que um maior fluxo de pessoas se direcione para lá, assim dimensionando os encontros possíveis.

Assim como quem costuma ter as ruas da Cidade Baixa como lugar propício para *resenhas*, guio meus lugares de permanência e de observação do bairro de acordo com os ritmos de ocupação de cada ida à campo. Desse modo, as caminhadas e as pesquisas decorrentes deste movimento são norteadas pelo volume das aglomerações, que não se estendem à totalidade das ruas e travessas que compõem o bairro. De maneira intermitente, as ruas paralelas Gal. Lima e Silva, João Alfredo, José do Patrocínio e a Rua da República, transversal a todas as três, destacam-se como referências de lugares para junções. No mapa abaixo demarco a delimitação espacial das atividades noturnas do bairro:

Figura 2 - Mapa da Cidade Baixa com as principais ruas em destaque



Elaborado pela autora a partir do Google Maps (2020)

Os pontos específicos, se as proximidades do bar x ou y, atualizam-se de forma contínua de acordo com fluxos influenciados por fatores típicos da vida noturna: as bebidas e a música. Para além de meros equipamentos urbanos, nesse contexto ruas e calçadas são preenchidas e significadas de acordo com práticas, trocas, cores, sons, gestos que se desenrolam a partir de suas singularidades. A produção simbólica, ou o conjunto valorativo do que define a *identidad barrial* (GRAVANO, 2003) da CB passa pela experiência coletiva do estar lá. Conforme acontece na Cidade Baixa, as bebidas além do efeito entorpecente exercem também o fundamental papel de impulsionadoras de vivências compartilhadas.

Figura 3 – Anúncio de bebidas na Cidade Baixa



Fonte: Foto da autora (2020)

O preço baixo de bebidas alcoólicas é atraente para um público que muitas vezes ainda não conquistou estabilidade financeira, como é o caso dos jovens que optam por permanecer nas ruas e calçadas do bairro. Diante disso, estabelecimentos como as chamadas conveniências - que vendem bebidas e cigarros sem as mesas e cadeiras dos bares ou os altos valores das festas - são lugares que estimulam a ocorrência de aglomerações. Corpos atraem corpos, que seguram e compartilham copos. Na Cidade Baixa, o amarelo típico da cerveja divide espaço com cores de outras bebidas, como o corote e os *kits*. A primeira é uma bebida de alto teor alcoólico cuja cor varia de acordo com o sabor, e que é vendida em pequenas garrafas “barrigudas”. O produto de origem paulista virou febre no mercado nacional desde pelo menos o final de 2018 – uma garrafa dificilmente custa mais do que R\$ 5,00 nos supermercados e pode ser carregada sem

dificuldades, o que nem sempre acontece com a cerveja. Um kit, por sua vez, é um conjunto de elementos que servem para um mesmo fim. No caso dos *kits* que ganharam as ruas da CB, a finalidade é a embriaguez que custe pouco e que aconteça de forma relativamente rápida. Um *kit* de uma garrafa de vodka misturada a uma garrafa de qualquer bebida doce, geralmente energético, pode ser dividido por quatro pessoas, por exemplo, e durar grande parte de uma noite. Tanto o corote quanto o *kit* não necessariamente são comprados nos estabelecimentos do bairro, ainda que seja comum o reabastecimento no decorrer da permanência nas ruas. Além das bebidas, os copos em que são compartilhadas muitas vezes são levados de casa e destoam do padrão transparente dos copos de vidro que são vistos nas mesas dos bares.

Figura 4 - Conveniência



Fonte: Foto da autora (2019)

A vivacidade dos encontros nas ruas é exacerbada pelas esquinas, que são os pontos de convergência entre fluxos de pessoas vindos de outros lugares. Quando, no ato de caminhar, percebo que o movimento de uma das esquinas da CB destaca-se no panorama do bairro, é onde paro e direciono um olhar mais detalhado para as sociabilidades e conversas que ouço ou que estabeleço. É impossível não lembrar do clássico estudo de Foot Whyte (2005), *Sociedade de Esquina*, no qual o autor acompanha as tramas das gangues de esquina de Cornerville de forma a adentrar no compósito de relações e

instuições que constituíam a estrutura social do bairro. Certa noite, parada na esquina entre a Rua da República e a Lima e Silva, estava próxima de um grupo de três rapazes e duas garotas (ou três guris e dois gurias, no bom “gauchês”), quando um outro jovem – que não aparentava ter mais de 20 anos – chegou e disse: “É os guri na CB de novo!”.

A regularidades das idas destes jovens à Cidade Baixa são particularmente significativas para o exame de como eles praticam a cidade (CERTEAU, 2012), e de como dotam de sentidos próprios a experiência urbana. A linguagem corporal, as gírias, a músicas, as roupas e até mesmo as formas de beber congregam sentidos de pertencimento que extrapolam as sociabilidades tão-somente noturnas. É como dissessem em alto e bom som: “A CIDADE É NOSSA!”. Observando as reações de alguns moradores quando as ruas/calçadas estão cheias, percebo que este movimento de apropriação prático-simbólica do espaço não é aprovado em sua totalidade. Além da presença massiva da polícia, não são raras as vezes em que pedras de gelo, água sanitária e até vasos de flores são jogados das janelas para tentar afastar os frequentadores do bairro, que não parecem se intimidar com isso. A casa e a rua (DAMATTA, 1997) estão sob constante tensão para determinar a prevalência do público ou do privado na condução do cotidiano do bairro. Aqui, portanto, a categoria juventude é perpassada pelo desejo impetuoso de viver e deixar marcado seu lugar na cidade, ainda que de forma geral este padrão de conduta encontre resistência por parte de outros sujeitos que também vivem na cidade, e, especificamente, na Cidade Baixa.

VAI, REBOLA PRO PAI/ VAI NOVINHA, VAI. As batidas de funk são onipresentes nas rodas que se formam ao longo das principais ruas da CB. Seja na Lima e Silva, na José do Patrocínio ou na República, o ritmo é pouco destoante. SENTA, SENTA, SENTA, SENTA/ AI DROGA é um refrão que ouvi durante todo o ano de 2019 em diferentes situações, grupos e estações. A música vem de caixas de som levadas por alguns, na contramão do que acontece nos bares ou nas festas. Se a marca indiscutível da Cidade Baixa que emergiu na década 1990 é a pluralidade sonora – do rock ao samba em alguns passos de distância -, a CB das *resenhas* é dominada pelo contagiante estilo musical de origem carioca. Nesse sentido, as camadas temporais que configuram a boemia porto-alegrense embrenham-se e ocupam espaços que, embora não difiram espacialmente, foram adquirindo outros tipos de códigos de conduta e juízos valorativos. Assim, o vigor que a juventude traz consigo renova também as práticas urbanas e as sociabilidades noturnas, de forma que a cidade se transforma na cadência dos ônus e bônus do cotidiano.

Considerações Finais

As formas juvenis de experienciar a noite em uma metrópole como Porto Alegre dão sentidos próprios aos significados de cidade que estão em jogo. Nesse sentido, o esforço neste texto foi o de apresentar aspectos teórico-empíricos-metodológicos de uma etnografia de rua na e da Cidade Baixa que privilegie a percepção de como as práticas, sociabilidades e suas regularidades inserem-se paisagem urbana, de tal modo que ficam evidentes as particularidades daquilo que é compartilhado nos *circuitos* juvenis. *Resenhas*, corpos aglomerados nas esquinas, copos e *kits* compartilhados delineiam uma outra CB, que não parece ser aquela perpetuada nas memórias e vivências anteriores.

Com isso, percebo também que a mobilização dos elementos que configuram as maneiras pelas quais os jovens se relacionam entre si e com a cidade, ou como se apropriam do espaço urbano permite identificar que as *identidades barriales* – tal como propõe Gravano (2003) - não são de natureza estática ou uníssona. A Cidade Baixa é, afinal, uma construção coletiva e cotidiana.

Referências

- ARANTES, Antonio Augusto. *Paisagens Paulistas: transformações do espaço público*. Campinas, SP: Editora da Unicamp. São Paulo: Imprensa Oficial, 2000.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer* (vol. 1). 19a ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2012
- DAMATTA, Roberto. *A casa e a rua*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. (Orgs.) *Etnografia de rua: estudos de antropologia urbana*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2013.
- FRANCO, Sérgio da Costa. *Porto Alegre: guia histórico*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.
- FRYDBERG, Marina Bay. *Lupi, se acaso você chegasse: um estudo antropológico das narrativas sobre Lupicínio Rodrigues*. 2007. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.
- GRAVANO, Ariel. *Antropología de lo barrial: estudios sobre producción simbólica de la vida urbana*. Buenos Aires: Espacio, 2003
- MAGNANI, José Guilherme Cantor; SOUZA, Bruna Mantese de (Orgs.). *Jovens na Metrópole: etnografias de circuito de lazer, encontro e sociabilidade*. São Paulo: Ed. Terceiro Nome, 2007.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. *A rua e a evolução da sociabilidade*. Museu Paulista da Universidade de São Paulo, *Cadernos de História de São Paulo*, vol. 2,

janeiro-dezembro 1993.

JACOBS, Jane. *Morte e vida nas grandes cidades*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

PEDRO, Lucio Fernandes. *Transgressão do Bom Fim*. Dissertação (Mestrado em História – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

PORTO ALEGRE. *Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano Ambiental*. 2010.

ROSA, Marcus Vinicius de Freitas. *Além da invisibilidade: história social do racismo em Porto Alegre durante o pós-abolição (1884-1918)*. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 2014.

SILVA, Hélio R. S. A situação etnográfica: andar e ver. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 171-188, jul./dez. 2009

SILVA, Hélio R. S. *Travestis: entre o espelho e a rua*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

VIEIRA, Daniele Machado. *Territórios Negros em Porto Alegre (1800-1970): Geografia histórica da presença negra no espaço urbano*. 2017. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

WHYTE, Foot. *Sociedade de esquina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.